

Sobre as variações de modo nas frases subordinadas temporais com *antes*¹

Rui Marques e Ana Teresa Alves

FLUL/CLUL, Universidade dos Açores

Rmarques@letras.ulisboa.pt; aalves1999@yahoo.com

Abstract:

This study is about the variation of mood in subordinate clauses with *antes* (the Portuguese counterpart of *before*). We present the main syntactic and semantic differences between these two constructions, with a focus on those related to temporal perspective and conception of time, concluding that the former have mainly a temporal meaning whereas the latter have strong affinities with final constructions.

Keywords/Palavras-chave:

Mood, temporal connectives, *antes* ('before'), infinitive, subjunctive.

1. Introdução

Este artigo ocupa-se do significado de construções de subordinação adverbial temporal com o conector *antes*, que em português pode introduzir uma oração infinitiva ou uma oração finita com o verbo no conjuntivo. Quando *antes* introduz uma oração infinitiva, esta é precedida por *de* e, quando introduz uma oração finita, esta é precedida por *que*.

Embora exista uma extensa literatura sobre o significado do conector equivalente a *antes* noutras línguas, em particular o inglês (cf., e.g., Heinämäki, 1974; Kamp, 1968; Landman, 1991; Valencia *et al.*, 1993), e de o significado do conector *antes de* ter sido objeto de análises semânticas aprofundadas (cf. Mória, 2000; Alves, 2003), as diferenças de significado entre a construção *antes de* seguida de uma oração infinitiva e a construção *antes que* seguida de oração finita não foram objeto de análises detalhadas, tanto quanto é do nosso conhecimento. De facto, apesar de a existência de diferenças de interpretação dos dois tipos de construção não ser novidade (por exemplo, Lobo (2013) observa que a construção com *antes que* envolve um valor de intenção, que “nem sempre é possível com a oração temporal infinitiva correspondente” (p. 1996)), as diferenças entre os dois tipos de construção são bastante acentuadas, como tentaremos mostrar.

Os exemplos que se seguem ilustram os dois tipos de construção considerados:

- (1)
 - a. O jogador n.º 1 atacou o jogador n.º 2 antes de este o atacar a ele.
 - b. Ele foi internado antes de a doença se agravar.
 - c. Ela apanhou a roupa antes de começar a chover.
 - d. A cozinheira derreteu a manteiga antes de bater as claras.
- (2)
 - a. O jogador n.º 1 atacou o jogador n.º 2 antes que este o atacasse a ele.
 - b. Ele foi internado antes que a doença se agravasse.
 - c. Ela apanhou a roupa antes que começasse a chover.
 - d. #A cozinheira derreteu a manteiga antes que batesse as claras.

No primeiro conjunto de exemplos expressa-se uma ordenação temporal de duas situações: a primeira situação (a que é descrita pela frase matriz) é temporalmente localizada num intervalo de tempo que precede o intervalo de tempo associado à localização da segunda situação (a que é descrita na frase subordinada). No segundo conjunto de exemplos, não se pode dizer que isto seja falso, ou seja, que não há uma localização de uma situação num intervalo de tempo anterior ao que corresponde à localização de uma segunda situação, mas isso, como se verá, não é suficiente (atende-se na impossibilidade de (2d)) para dar conta do significado de *antes que*, em

¹ Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), no âmbito do projeto *Complement Clauses in the Acquisition of Portuguese* (CLAP), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CLE-LIN/120897/2010). A participação da segunda autora no XXIX ENALP teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

exemplos como estes, em que a primeira situação é interpretada como uma estratégia/uma tomada de ação antecipada para evitar uma situação ou para evitar as consequências negativas de uma situação (cf. 2c) que se prevê como possível.

É sobretudo sobre os segundos casos, que, tanto quanto é do nosso conhecimento, não estão tratados que nos deteremos. Por simplificação de exposição, até à secção 4, quando mencionamos a construção com *antes que*, é a construções como as de (2) que nos referimos. Na parte final, faremos uma breve referência a outros exemplos com *antes que*, que não constituirão o objeto central deste estudo.

2. Diferenças entre *antes de* e *antes que*

Uma primeira diferença que se pode observar entre as construções do português com *antes de* e construções com *antes que* como as exemplificadas em (2) diz respeito à categoria sintática do complemento do conector. O complemento de *antes de* pode ser oracional ou nominal, como mostram os exemplos de (3) e (4), enquanto o complemento de *antes que* só pode ser oracional, como mostram os contrastes em (5) e (6):

- (3) a. O diretor pediu uma audiência ao ministro antes de ser interrogado pelo juiz.
b. O diretor pediu uma audiência ao ministro antes do interrogatório.
- (4) a. O cientista deixou o país antes de a guerra começar.
b. O cientista deixou o país antes da guerra.
- (5) a. O diretor pediu uma audiência ao ministro antes que fosse interrogado pelo juiz.
b. *O diretor pediu uma audiência ao ministro antes que o interrogatório.
- (6) a. O cientista deixou o país antes que a guerra começasse.
b. *O cientista deixou o país antes que a guerra.

Por outras palavras, *antes de* é uma locução preposicional que, como é típico das preposições, pode ter um complemento nominal ou frásico, enquanto *antes que* é um conector interfrásico, uma locução conjuncional.

No plano semântico, observam-se também diferenças entre os dois tipos de construção. Uma destas diferenças está relacionada com o papel temático (ou função semântica) atribuído ao argumento externo do predicado da frase matriz. Dados como os que se seguem apontam para que na construção com *antes que* a situação descrita pela frase matriz é obrigatoriamente controlável por uma entidade. É o que mostra a anomalia de construções como (7b) e (8b), em que o predicado matriz não atribui o papel temático de Causador (cf. Peres, 1984) ao argumento externo, por oposição à boa formação de (7a) e (8a), em que o argumento externo do predicado matriz identifica a entidade responsável por desencadear a situação descrita pela proposição:

- (7) a. O ditador suicidou-se antes que o capturassem.
b. #O ditador morreu antes que o capturassem.
- (8) a. A Ana terminou o namoro antes que o namorado a pedisse em casamento.
b. #A Ana teve um AVC antes que o namorado a pedisse em casamento.

Por contraste, a construção com *antes de* não parece impor qualquer restrição desta natureza, sendo igualmente aceitáveis construções em que a entidade correspondente ao argumento externo do predicado matriz é controladora da situação descrita e construções em que não o é:

- (9) a. O ditador suicidou-se antes de o capturarem.
b. O ditador morreu antes de o capturarem.
- (10) a. A Ana terminou o namoro antes de o namorado a pedir em casamento.
b. A Ana teve um AVC antes de o namorado a pedir em casamento.

Ainda no plano dos papéis temáticos, verifica-se uma outra diferença entre os dois tipos de construção. Em construções com *antes que* como as exemplificadas em (2), a situação descrita na frase subordinada é obrigatori-

amente não controlada pela entidade que controla a situação descrita na frase matriz, enquanto em construções com *antes de* tal não tem de acontecer. É o que ilustram os seguintes exemplos:

- (9) a. Ele despediu-se da Maria antes de sair.
b. #Ele despediu-se da Maria antes que saísse.
- (10) a. Ele despediu-se da Maria antes de ela sair.
b. Ele despediu-se da Maria antes que ela saísse.
- (11) a. Ele terminou o trabalho antes de se demitir
b. #Ele terminou o trabalho antes que se demitisse.
- (12) a. Ele terminou o trabalho antes de o demitirem.
b. Ele terminou o trabalho antes que o demitissem.

Ainda no plano semântico, uma outra diferença que se observa entre construções com *antes que* e construções com *antes de* diz respeito à distribuição e interpretação de sintagmas nominais indefinidos. Sintagmas nominais indefinidos com interpretação virtual (i.e., que referem entidades que podem não existir na realidade) ocorrem facilmente no complemento de *antes que*, enquanto no complemento de *antes de* a sua ocorrência é no mínimo menos natural:

- (13) a. Ele escondeu-se numa gruta antes que um helicóptero que por ali passasse o avistasse.
b. *Ele escondeu-se numa gruta antes de um helicóptero que por ali passasse o avistar.
- (14) a. É melhor sairmos daqui antes que algum fantasma nos assuste.
b. #É melhor sairmos daqui antes de algum fantasma nos assustar.²

Mesmo que as entidades referidas pelo SN indefinido sejam reais, em construções com *antes que* facilmente ocorrem SN indefinidos com leitura não específica (como *algum N*), enquanto em construções com *antes de* este tipo de SN dificilmente é aceitável:

- (15) a. É melhor sairmos daqui antes que caia alguma pedra da arriba.
b. ?É melhor sairmos daqui antes de cair alguma pedra da arriba.³

Além disso, SN indefinidos com a forma *um N*, que admitem quer a leitura específica quer a leitura não específica, têm facilmente leitura não específica quando ocorrem no complemento de *antes que* e leitura específica quando ocorrem no complemento de *antes de*. Veja-se que em (16a) o SN *uma casa* não se refere a nenhuma casa particular, ao contrário do que se verifica em (16b):

- (16) a. Declararam esta zona como património natural antes que construíssem aqui uma casa.
b. Declararam esta zona como património natural antes de construírem aqui uma casa.

Além das diferenças sintáticas e semânticas observadas, apontamos duas outras diferenças entre construções com *antes de* e construções com *antes que*. A primeira diz respeito à expectabilidade da situação descrita pela oração subordinada e a segunda ao tipo de relação entre as situações descritas pela frase matriz e pela subordinada.

² A frase *é melhor sairmos daqui antes de um fantasma nos assustar* é aceitável, mas apenas se o enunciador assumir a existência de fantasmas, o que não tem de acontecer para a aceitabilidade de (14a).

³ O sintagma indefinido *alguém* parece poder ocorrer mais facilmente no complemento de *antes de*:

(i) Ele saiu da sala antes de alguém ter podido falar com ele.

No entanto, a sua interpretação não é exactamente a mesma que recebe quando ocorre no complemento de *antes que*. Veja-se que em (i) *alguém* tem uma interpretação de “free choice” (qualquer uma das pessoas que estavam na sala), enquanto em (ii) a interpretação de *alguém* não requer que se considere um conjunto de pessoas contextualmente determinado:

(ii) Ele saiu da sala antes que alguém tivesse podido falar com ele.

No que respeita à expectabilidade da situação, observa-se que a proposição introduzida por *antes que* descreve um estado de coisas que é possível acontecer na perspetiva do agente da situação descrita pela frase matriz. Pelo contrário, a proposição introduzida por *antes de* descreve um estado de coisas que pode não ser expectável pelo agente da situação descrita pela frase matriz. Por exemplo, as frases com *antes de* como as de (17a) e (18a) não indicam se a Maria previa ou não que ia haver uma guerra ou se ia ou não ficar sem trabalho, contrariamente às frases com *antes que* em (17b) e (18b), que dão a indicação de que a Maria previa que iria começar uma guerra e que poderia ficar sem trabalho:

- (17) a. A Maria saiu do país antes de a guerra começar.
b. A Maria saiu do país antes que a guerra começasse.
- (18) a. Ela despediu a empregada antes de perder o emprego.
b. Ela despediu a empregada antes que perdesse o emprego.

Quanto ao tipo de relação entre as situações, a construção *p antes de q* indica uma relação de precedência entre o tempo em que se localiza *p* e o tempo em que se localiza *q*, ao passo que *p antes que q* indica uma relação entre as duas situações *p* e *q* e não apenas entre os intervalos de tempo em que se localizam as duas situações. Um argumento a favor desta hipótese é o seguinte: assumindo que o Paulo foi contratado ao mesmo tempo em que o Pedro foi despedido, (19a) é equivalente a (19b), mas (20a) não é equivalente a (20b):

- (19) a. A Maria falou com o diretor antes de o Paulo ser contratado.
b. A Maria falou com o diretor antes de o Pedro ser despedido.
- (20) a. A Maria falou com o diretor antes que o Paulo fosse contratado.
b. A Maria falou com o diretor antes que o Pedro fosse despedido.

Do mesmo modo, num contexto em que a mãe da Maria chegou a casa às 20h, os exemplos com *antes de* são equivalentes, mas aqueles com *antes que* não o são:

- (21) a. A Maria limpou a casa toda antes de a mãe chegar.
b. A Maria limpou a casa toda antes de darem as 20h.
- (22) a. A Maria limpou a casa toda antes que a mãe chegasse.
b. A Maria limpou a casa toda antes que dessem as 20h.

Uma das consequências de a construção *p antes que q* não indicar uma relação entre intervalos de tempo, ao contrário das construções com *antes de*, é o facto de exemplos como os apresentados em (24), com uma expressão de medição de tempo, como *uma hora* ou *um ano*, serem de aceitabilidade duvidosa. Mesmo que os aceitemos, *antes que* parece adquirir aí significado idêntico a *antes de* (cf. (23)):

- (23) a. A Maria engoliu um pacote de açúcar uma hora antes de desmaiar.
b. A Maria transferiu todo o seu dinheiro para Inglaterra um ano antes de Portugal sair do euro.
- (24) a. #A Maria engoliu um pacote de açúcar uma hora antes que desmaiasse.
b. #A Maria transferiu todo o seu dinheiro para Inglaterra um ano antes que Portugal saísse do euro.

Em síntese, os dados apresentados nesta secção permitem dizer que, embora tanto nos exemplos com *antes de* como nos exemplos com *antes que* seja expressa anterioridade temporal de uma situação relativamente a outra, há diferenças significativas entre as duas construções, sendo nossa convicção que as análises propostas na literatura para *antes de* são insuficientes para o tratamento de exemplos com *antes que*. Essa análise não dá, por exemplo, conta da inaceitabilidade de (2d), repetido em (25a), por oposição à naturalidade de (1d), repetido como (25b):

- (25) a. #A cozinheira derreteu a manteiga antes que batesse as claras.

- b. A cozinheira derreteu a manteiga antes de bater as claras.

Não será objeto de análise neste artigo a construção com *antes de*, tratada, por exemplo, em Mória (2000). Ao invés, centrar-nos-emos na análise do significado da construção com *antes que*.

3. Pistas para a caracterização do significado de *antes que*

3.1 Precedência temporal e valor de finalidade

Como observado na secção anterior, a construção *p antes que q* expressa uma ligação entre as situações descritas pela frase matriz e pela frase subordinada que não é apenas a ligação temporal. Para tentar perceber o tipo de ligação entre situações que a construção expressa, retomemos os exemplos repetidos em (26):

- (26) a. A Maria engoliu um pacote de açúcar antes que desmaiasse.
b. A Maria engoliu um pacote de açúcar antes de desmaiar.

Lobo (2013) apresenta exemplos idênticos a estes, defendendo que “frases como *os ladrões desataram a correr antes que a polícia os apanhasse* ou *antes que o Pedro batesse em alguém*, a Ana resolveu levá-lo embora” contêm implícita uma finalidade, podendo ser parafraseadas como ‘os ladrões desataram a correr para que a polícia não os apanhasse’ e ‘para que o Pedro não batesse em alguém, a Ana resolveu levá-lo embora’” (p. 1996). No entanto, embora em exemplos como estes a construção *p antes que q* seja, de facto, equivalente à construção *p para que não q*, o mesmo não se verifica com outros exemplos de *p antes que q*, como o exemplo seguidamente repetido e renumerado como (27a):

- (27) a. A Maria saiu do país antes que a guerra começasse.
b. A Maria saiu do país antes de a guerra começar.

Claramente, embora seja possível uma leitura de (27a) em que a frase é equivalente a *a Maria saiu do país para que a guerra não começasse*, essa não é a leitura mais natural (só seria possível se existisse o conhecimento de que a Maria tem poder suficiente para impedir o início da guerra; por exemplo, o de que ela é a ditadora de um país e é odiada pela população, que está prestes a rebelar-se e começar uma guerra civil). Por outro lado, o significado de (27a) é claramente próximo do de (26a) (e distinto do de (27b)), justificando-se uma análise semântica o mais uniforme possível de exemplos como (26a) e exemplos como (27a). De facto, quer em exemplos como (26a) quer em exemplos como (27a), a construção está associada a um valor de finalidade. Em casos como (26a), essa finalidade parece corresponder à não realização da situação descrita pela oração subordinada, mas em casos como (27a) o valor de finalidade não pode ser descrito nos mesmos termos.

A nossa proposta é a de que tanto em casos como (26a) como em casos como (27a) a construção *p antes que q* expressa uma relação de precedência temporal entre *p* e $(\neg p \wedge q)$.

Para se compreender melhor esta proposta, analisemos separadamente cada um dos casos, começando pelo exemplo (26a). Exemplos como esse sugerem que a ligação expressa pela construção *p antes que q* se situa no plano das crenças e pode ser descrita nos seguintes termos: a entidade relevante (no exemplo, a Maria) acredita que a proposição *p* (no exemplo, tomar um pacote de açúcar) tem como consequência associada a contraditória de *q* (e todas as outras que estejam associadas a esta última), que a situação $\neg p$ tem como consequência *q* (e todas as outras que estejam associadas a esta última), e que está perante uma escolha entre duas opções:

$$(p \ \& \ \neg q) \vee (\neg p \ \& \ q)$$

Por outras palavras, o exemplo (26a) indica que, no plano das crenças da Maria, a situação de ela tomar um pacote de açúcar implica não desmaiar e não tomar um pacote de açúcar implica desmaiar, estando ela perante a opção entre tomar um pacote de açúcar e não desmaiar ou não o tomar e desmaiar.

Assim, o exemplo (26a) indica que a situação de *a Maria engolir um pacote de açúcar* precede temporalmente a situação *a Maria não engolir um pacote de açúcar e desmaiar*, e indica também que *a Maria engolir um pacote de açúcar* precede as consequências desta conjunção, uma das quais é, obviamente, um dos membros da conjunção: *a Maria desmaiar*.

Este tipo de ligação entre as situações, que se situa no plano das crenças, não existe no exemplo com *antes de* (cf. 26b), onde se expressa apenas a precedência temporal entre os intervalos temporais correspondentes às duas situações.

Vejam agora os exemplos de (27). Se (27b) expressa apenas a precedência temporal entre os intervalos correspondentes às situações descritas pelas frases matriz e subordinada, (27a) indica que a Maria acreditava que a situação de sair do país (p) tinha como consequência associada não sofrer determinadas consequências advenientes da guerra, que a situação de não sair do país ($\neg p$) tinha como consequência ele sofrer determinadas consequências advenientes da guerra, e que está perante uma escolha entre duas opções:

$$(p \ \& \ \neg \text{cons}(q)) \vee (\neg p \ \& \ \text{cons}(q))$$

Suponhamos que uma das consequências de a guerra começar e a Maria estar no país é a de a Maria ser presa pelas tropas invasoras. Como a frase matriz indica que a Maria saiu do país, então não se verifica *a Maria não sair do país e ser presa pelas tropas invasoras* nem as consequências desta conjunção.

Assim, propomos que quer em casos como (26a) quer em casos como (27a), a informação que é expressa é a de que a situação p precede a situação $[\neg p \wedge q]$ e que esses exemplos são equivalentes a (28) e (29), respetivamente:

(28) A Maria engoliu o pacote de açúcar para não desmaiar.

(29) A Maria saiu do país para evitar as consequências de estar no país quando a guerra começasse.

É certo que se pode observar que, também nos exemplos com *antes de*, p precede $[\neg p \wedge q]$. No entanto, a proposta é que a construção com o conector *antes de* não expressa uma relação de precedência entre situações e consequências associadas, mas entre os tempos de localização das situações. Ou seja, em p *antes que* q consideram-se as situações p e $[\neg p \wedge q]$, enquanto em p *antes de* q se considera a localização temporal de p e a localização temporal de q , e não as situações em si (ou melhor, não as situações em todas as suas dimensões, mas apenas na sua dimensão temporal).

3.2 O ponto de perspetiva e a conceção do tempo

Além do facto de a construção p *antes que* q estar associada a um valor de finalidade (descrito na subsecção anterior), enquanto a construção p *antes de* q expressa apenas ordenação temporal de situações, defendemos também que estes dois tipos de construção estão associados a diferentes pontos de perspetiva a partir dos quais a situação descrita pela oração subordinada é observada.

Na construção p *antes de* q , o ponto de perspetiva que se tem em conta é o do enunciador (ou o que corresponde ao contexto de enunciação; será partilhado pelo enunciador e pelos restantes intervenientes na situação comunicativa), enquanto na construção p *antes que* q o ponto de perspetiva que se tem em conta é o do agente da situação descrita pela frase matriz. Por outras palavras, a construção p *antes de* q expressa a ordenação temporal que se observa “olhando” a partir do momento de enunciação, enquanto a construção p *antes que* q expressa a ordenação temporal que se observa “olhando” a partir do momento da linha do tempo em que se verifica a situação descrita pela frase principal. Assim, o significado da construção p *antes que* q envolve uma dimensão de subjetividade, no sentido em que se tem em conta a visão de uma entidade particular, contrariamente à construção p *antes de* q .

Para ilustração, considerem-se os seguintes exemplos:

- (30) a. O Paulo desertou do exército antes de o país ser invadido por tropas estrangeiras.
b. O Paulo desertou do exército antes de morrer.
c. O Paulo desertou do exército antes de haver algum motim.

- (31) a. O Paulo desertou do exército antes que o país fosse invadido por tropas estrangeiras.
b. O Paulo desertou do exército antes que morresse.
c. O Paulo desertou do exército antes que houvesse algum motim.

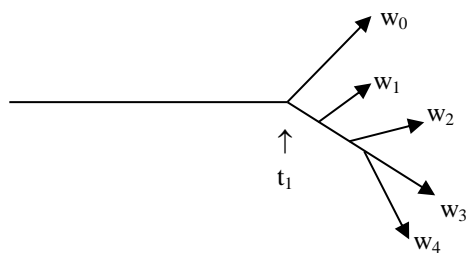
Nos exemplos de (30), a informação que se expressa é a que corresponde ao enunciador a ordenar temporalmente situações (a de que o Paulo desertou do exército e as de que o país foi invadido por tropas estrangeiras, a de que ele ia morrer ou a de que podia haver um motim). Nos exemplos de (31), considera-se o tempo em que

o Paulo desertou e a perspectiva que o Paulo tinha a partir desse ponto em relação ao futuro: a de que, de acordo com o Paulo, o país podia ser invadido por tropas estrangeiras, ele podia morrer ou podia haver um motim.

Esta diferença de pontos de perspectiva está associada a uma diferença na conceção do tempo. No significado de *p antes de q*, tem-se em conta uma conceção linear do tempo e a informação expressa pela construção corresponde à ordenação das situações nessa linha. Diferentemente, o significado de *p antes que q* envolve a ramificação da linha do tempo, defendemos. Esta informação é uma consequência dos diferentes pontos de perspectiva que estarão associados a *p antes de q* e a *p antes que q*: se com a última construção se tem em conta a perspectiva do agente da situação descrita pela frase matriz no tempo em que esta situação se localiza e dado que o futuro é, pela sua natureza, incerto, nesse ponto do tempo, olhando para o futuro ele vê duas evoluções possíveis: aquela em que se verifica *q* e aquela em que não se verifica *q*.

Exemplificando, em (31a) indica-se que na altura em que o Paulo desertou do exército, ele via dois futuros possíveis: (i) deixar os acontecimentos seguirem o seu curso normal, em que, no seu sistema de crenças, o país seria ou poderia ser invadido por tropas estrangeiras, continuando ele no exército, com todas as consequências que daí adviriam; (ii) desertar e evitar assim as consequências que ele previa no caso de não desertar. Analogamente, em frases como *a Maria foi internada antes que piorasse*, há um ponto em que se veem dois desenvolvimentos possíveis: (i) não internar a Maria e ela piorar e ter de enfrentar essas consequências fora de um hospital ou (ii) internar a Maria e ela não piorar ou piorar e enfrentar as consequências de piorar dentro de um hospital. Em frases como *ela tomou um pacote de açúcar antes que desmaiasse*, a decisão de tomar um pacote de açúcar é precedida pela consideração de duas alternativas: não tomar um pacote de açúcar e desmaiar ou tomar um pacote de açúcar e não desmaiar. Em todos estes casos, no primeiro desenvolvimento possível, verifica-se $[\neg p \wedge q]$, tal como todas as consequências daí decorrentes; no segundo desenvolvimento possível verifica-se *p* e não se verificam as consequências de $[\neg p \wedge q]$.

Esquematicamente:



t_1 : tempo em que o Paulo toma a decisão de desertar

w_0 : mundo real (em que o Paulo desertou)

$w_1 - w_n$: mundos alternativos (em que o Paulo não desertou)

Nos exemplos como os analisados até aqui, a construção *p antes que q* indicará que *p* precede temporalmente a situação $[\neg p \wedge q]$. Uma vez que no mundo real o Paulo desertou (informação que é dada pela frase matriz), tem-se que *p* se verifica em w_0 e $[\neg p \wedge q]$ é uma situação que se verifica em mundos virtuais (w_1, w_2, \dots). Assim se explica o facto de SN indefinidos com leitura não específica ocorrerem mais facilmente na construção *p antes que q* do que na construção *p antes de q*: na primeira construção o conector introduz um contexto de virtualidade, pelo que os SN que ocorrem no complemento do conector podem não identificar entidades concretas do mundo real.

Mesmo nos casos em que o enunciador coincide com o agente da situação, como em (32), pensamos que as construções *p antes de q* e *p antes que q* estão associadas a esta diferença de pontos de vista e de conceção linear do tempo vs ramificação da linha do tempo:

- (32) a. Eu vou desertar antes de o país ser invadido por tropas estrangeiras.
b. Eu vou desertar antes que o país seja invadido por tropas estrangeiras.

A frase (32a) só faz sentido num contexto em que a previsão de que o país vai ser ou pode ser invadido não é exclusiva do enunciador, mas faz parte do conhecimento partilhado. Ou seja, está acessível no contexto de enunciação uma evolução dos acontecimentos em que o país será invadido e a enunciação da frase inscreve as situações na linha do tempo. Já a frase (32b) pode ser asserida com felicidade num contexto em que não é assu-

mido que toda a gente prevê que o país venha a ser ou possa vir a ser invadido por tropas estrangeiras. Pensamos que a interpretação da frase é a de que essa possibilidade existe na mente do enunciador, que olha para o futuro e vê o que pode acontecer se o país for invadido por tropas estrangeiras e ele não desertar e o que pode acontecer se ele desertar. Como se pode observar no esquema acima, com ramificação do tempo a partir do ponto em que o agente toma a decisão, a situação descrita pela frase matriz (p) precede temporalmente a conjunção de situações $[\neg p \wedge q]$, que se situam em mundos virtuais e num intervalo de tempo posterior àquele em que se localiza p .

Assim, a análise que propomos dá conta do facto de que ambas as construções *p antes de q* e *p antes que q* expressam uma relação de precedência temporal, tal como dá conta do valor de intenção associado à construção *p antes que q*. Os dados apresentados na secção 2 podem agora ser explicados à luz da análise do significado da construção *p antes que q* que propomos.

Recapitulando a informação apresentada na secção 2, além da questão dos SN indefinidos, já abordada uns parágrafos acima, verificam-se as seguintes diferenças entre a construção *p antes que q* e *p antes de q*:

- (i) na construção *p antes que q* a entidade identificada pelo argumento externo do predicado da frase matriz tem de ser controladora da situação descrita por essa frase, exigência que não se verifica no caso da construção *p antes de q*;
- (ii) na construção *p antes que q* a entidade identificada pelo argumento externo do predicado da frase matriz não controla a situação descrita pela oração subordinada, exigência que não se verifica no caso da construção *p antes de q*;
- (iii) na construção *p antes que q*, a situação descrita pela oração subordinada é necessariamente expectável de acordo com a entidade correspondente ao argumento externo do predicado matriz, mas pode não o ser na construção *p antes de q*; por oposição, na construção *p antes de q*, é assumido pelo enunciador que faz parte do conhecimento partilhado a certeza ou a expectabilidade da situação descrita na oração subordinada, contrariamente ao que se verifica com a construção *p antes que q*, como observado acima (por outras palavras, na construção *p antes que q*, a certeza ou expectabilidade de q é assumida pela entidade correspondente ao argumento externo do predicado da frase matriz, mas pode não o ser pelo enunciador, enquanto na construção *p antes de q* se verifica o inverso: q é assumido como certo ou possível pelo enunciador, mas pode não o ser pela entidade correspondente ao argumento externo do predicado matriz);
- (iv) na construção *p antes que q* o complemento do conector é obrigatoriamente frásico, enquanto na construção *p antes de q* o complemento pode ser frásico ou nominal.

As diferenças apresentadas em (i) e (ii) são, obviamente, uma consequência do facto de a construção *p antes que q* estar associada a um valor de finalidade enquanto a construção *p antes de q* expressa unicamente uma relação temporal. Quanto à diferença apresentada em (iii), esta decorre da diferença de pontos de vista considerados na interpretação dos dois tipos de construção: como observado acima, na construção *p antes de q* tem-se em conta o ponto de vista (ou a perspectiva) do enunciador e uma conceção linear do tempo, enquanto na construção *p antes que q*, o ponto de vista que se tem em conta é o do agente da situação descrita pela frase matriz, que implica uma visão ramificada do tempo. Finalmente, a diferença apresentada em (iv) pode ser explicada como uma consequência de, como propomos, o significado da construção *p antes que q* indicar precedência temporal de p em relação a $[\neg p \wedge q]$. De facto, se a computação do significado da oração subordinada envolver o processamento de uma coordenação, um dos membros da qual é a contraditória da oração subordinante, o requisito de identidade categorial dos membros da coordenação obriga a que o outro membro da coordenação seja também uma frase. Ou seja, a agramaticalidade de construções como **ele saiu do país antes que a guerra* pode ser explicada como decorrente do facto de esta construção envolver a coordenação de uma frase, não expressa, com um sintagma nominal: **ele saiu do país antes que não saísse do país e a guerra*. Por contraste, na construção *ele saiu do país antes que a guerra começasse* será respeitado o requisito de identidade categorial dos membros da coordenação: *ele saiu do país antes que não saísse do país e a guerra começasse*.

4. Outros casos

Não se disse e não deve ser inferido a partir deste texto, porque não é o que acontece na realidade, que todos os casos em que os falantes recorrem a *antes que* são do mesmo tipo daqueles que aqui foram tratados. Há casos em que *antes que* tem o mesmo valor que *antes de*, como nos seguintes exemplos:

- (33) Ela morreu antes que a conseguissem retirar de baixo dos escombros.
- (34) Dez anos transcorreram antes que Reagan e Bush conseguissem, utilizando com frequência meios criminosos, destruir a Revolução Sandinista e recolocar no poder em Manágua gente sua. (*Avante!*, *ed=1418 id=438=t1*)
- (35) Contou como a CIA começou a fornecer armas aos contrarrevolucionários afegãos em meados de 1979, seis meses antes que a URSS acedesse aos pedidos de ajuda do Governo do Afeganistão. (*Avante!*, *ed=1371 id=7103=i5*)

Assumimos que nestes exemplos, e noutros do mesmo tipo, *antes que* é equivalente a *antes de*, podendo receber o mesmo tratamento. Veja-se que nestes exemplos a substituição de *antes que* por *antes de* não implica qualquer alteração de significado, contrariamente ao que acontece em casos como *o Pedro saiu antes que a Maria chegasse* vs *o Pedro saiu antes de a Maria chegar*. Além disso, em (34) e (35) ocorre uma expressão de medida de tempo (respetivamente, *dez anos* e *seis meses*), um tipo de expressão cuja ocorrência em construções com *antes que* do tipo das que foram analisadas nas secções precedentes gera agramaticalidade, como visto acima, mas que pode ocorrer em construções com *antes de*.

Há ainda um outro tipo de exemplos com *antes que*, de que fazem parte os casos que se seguem:

- (36) Mas antes que isso aconteça será preciso que o Ippar aprove o novo projecto de restauro da Gandarinha. (*CetemPúblico*, *par=ext380120-soc-94a-2*)
- (37) Em todo o caso, é provável que sejam precisos ainda anos de pesquisas antes que se possa confirmar a acção do GDNF em seres humanos. (*CetemPúblico*, *par=ext925824-clt-soc-95a-1*)
- (38) «Quantos de nós terão ainda de morrer antes que façamos algo?» (*CetemPúblico*, *par=ext11378-soc-93a-1*)
- (39) «De quantos ensaios gerais é que precisamos antes que alguém se dê conta de que vem aí uma coisa mesmo grave?» (*CetemPúblico*, *par=ext284255-clt-soc-95a-2*)

Nestes exemplos, claramente distintos dos que tratámos nas secções anteriores, a frase principal envolve a expressão de um condição necessária para a realização do que é descrito na frase subordinada, sendo os exemplos claramente parafraseáveis por construções com *para que* / *para*:

- (40) Mas [para que isso aconteça / para isso acontecer] será preciso que o Ippar aprove o novo projecto de restauro da Gandarinha.
- (41) Em todo o caso, é provável que sejam precisos ainda anos de pesquisas [para que se possa / para se poder] confirmar a acção do GDNF em seres humanos.
- (42) Quantos de nós terão ainda de morrer [para que façamos / para fazermos] algo?
- (43) De quantos ensaios gerais é que precisamos [para que alguém se dê conta / para alguém se dar conta] de que vem aí uma coisa mesmo grave?

Neste sentido, casos como (36)-(39) são parcialmente idênticos aos exemplos com *antes que* analisados neste trabalho, que também envolvem um valor de intenção. No entanto, enquanto nas construções que foram consideradas neste trabalho o valor de intenção envolvido é, simplifadamente, o de evitar a situação descrita pela oração subordinada (ou suas consequências), em casos como (36)-(39) a frase subordinada descreve uma situação almejada e não uma situação que se pretende evitar.

5. Conclusões

Foram observadas neste trabalho diferenças entre construções com *antes que* e com *antes de*, tendo sido proposto que estas diferenças são reflexo do facto de uma e outra construção codificarem diferentes pontos de

perspetiva a partir dos quais é observada a situação descrita pela frase subordinada: construções com *antes de* expressam o ponto de vista do enunciador, enquanto construções com *antes que* codificam o ponto de vista da entidade identificada pelo argumento externo do predicado da frase matriz.

Na parte final do artigo (na secção 4), observou-se que alguns exemplos com *antes que* podem ser de tipos diferentes dos que foram tratados neste artigo, sendo identificados casos em que *antes que* é equivalente a *antes de*, expressando apenas uma relação de precedência temporal, e casos em que a construção *p antes que q* é equivalente a *p para que q* e não a *p para que não q*. O significado de estes dois tipos de caso não foi objeto de análise no presente trabalho.

Os exemplos com *antes que* como os que foram tratados neste trabalho têm afinidades com algumas construções finais: tal como aquelas também envolvem a realização intencional de uma ação com um determinado objetivo (o de evitar a situação descrita pela oração subordinada ou suas consequências) e também envolvem uma relação de precedência temporal entre situações.

Eventualmente, uma análise mais detalhada pode revelar que nas construções com *antes que* se acentua a ideia de antecipação temporal e nas construções com orações finais se acentua a ideia de intenção. Podem apontar nesse sentido dados como os que se seguem:

- (44) Ele instalou o antivírus para não continuar a ser atacado por piratas informáticos.
- (45) Ele instalou o antivírus para não ser atacado por piratas informáticos.
- (46) #Ele instalou o antivírus antes que continuasse a ser atacado por piratas informáticos.
- (47) Ele instalou o antivírus antes que fosse atacado por piratas informáticos.

Como mostram os exemplos (44) e (45), as construções finais tanto podem expressar a intenção de evitar uma situação que ainda não ocorreu, como em (45), como a intenção de pôr termo a uma situação que se verifica no intervalo de tempo em que se localiza a situação descrita pela frase matriz, como em (44). Por contraste, nas construções com *antes que* parece existir a condição de a situação descrita pela frase matriz preceder temporalmente o início da situação descrita pela frase subordinada, como mostra o contraste entre a anomalia de (46) e a naturalidade de (47). Por outras palavras, estes dados sugerem que *antes que* pode indicar a intenção de evitar uma situação que ainda não se verifica, mas não podem indicar a intenção de pôr termo a uma situação existente, enquanto as construções finais não parecem estar associadas a esta restrição de natureza temporal.

Referências

- Alves, A. T. (2003). *Sobre a Localização Temporal Adverbial Anafórica em Português*, Dissertação de doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Avante! v. 5.4, disponível em <http://linguateca.pt/ACDC/>
- CetemPúblico 1.7 v. 7.2, disponível em <http://linguateca.pt/ACDC/>
- Peres, J. M. A. (1984), *Elementos para uma gramática nova*, Livraria Almedina, Coimbra.
- Heinämäki, O. T. (1972), “*Semantics of English temporal connectives*”, Dissertação de doutoramento, Univ. Texas.
- Kamp, J. (1968), *Tense Logic and the Theory of Linear Order*, Dissertação de doutoramento, Univ. California at Los Angeles.
- Landman, F. (1991), *Structures for semantics*, Kluwer, Dordrecht.
- Lobo, M. (2013), “Subordinação adverbial”, in: Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (orgs.), *Gramática do Português*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1981-2057.
- Móia, T. (2000), *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Valencia, V. S., T. van der Wouden & F. Zwarts (1993), “Polarity, veridicality and temporal connectives”, in P. Dekker & M. Stokhof (orgs.), *Proceedings of the Ninth Amsterdam Colloquium*, Amesterdão: ILLC, pp. 587-606.